

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGÜÍSTICA

JOÃO HENRIQUE DA COSTA CARDOSO

A NATIVIZAÇÃO DE TERMOS DE INFORMÁTICA DO INGLÊS NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: UMA ANÁLISE FONOLÓGICA

Maceió
2005

JOÃO HENRIQUE DA COSTA CARDOSO

A NATIVIZAÇÃO DE TERMOS DE INFORMÁTICA DO INGLÊS NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: UMA ANÁLISE FONOLÓGICA

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de mestre.

Orientadora: Professora Dra. Januacele Francisca da Costa

Maceió
2005

JOÃO HENRIQUE DA COSTA CARDOSO

A NATIVIZAÇÃO DE TERMOS DE INFORMÁTICA DO INGLÊS NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: UMA ANÁLISE FONOLÓGICA

Maceió, _____ de _____ de 2005

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística. (Aprovada em ____ de _____ de 2005.

À minha querida filha Isabelle

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a meus orientadores e amigos, Aldir e Januacele, pelo apoio e incentivo dispensados. Agradeço também às professoras Inês Matoso e Renira Lisboa, pela leitura e apreciação do trabalho para a qualificação, e à professora Stella Telles, pela participação na banca examinadora. Agradeço ainda ao PPGLL, pela oportunidade da realização dessa pesquisa, e aos informantes, sem os quais ela não teria sido realizada.

“Escrever simples é tão difícil quanto ser bom sempre”.

(W. S. Maugham)

RESUMO

Este trabalho trata da questão da interferência que o sistema fonológico de uma língua nativa causa no desempenho de termos de uma língua estrangeira que foram nativizados. Procura observar, especificamente, a interferência do sistema de sons do Português (L1) no desempenho, por falantes nativos, de termos do Inglês (L2) recortados do vocabulário técnico de informática. Para a realização do estudo contrastivo entre as duas línguas foram utilizados os métodos da Análise Contrastiva (Contrastive Analysis – CA), e para a análise dos fatos observados levou-se em conta os pressupostos da fonologia gerativa para explicar as diferenças entre os inventários fonológicos das duas línguas e os pressupostos da fonologia métrica para explicar os fenômenos referentes à sílaba. Os resultados da pesquisa indicam que a interferência se dá pelo fato de os inventários das duas línguas serem diferentes e por elas possuírem diferentes padrões silábicos. Como conclusão, são apresentadas algumas regras que têm a intenção de formalizar os principais modelos de nativização do Inglês para o Português.

Palavras-Chave: *fonética, fonologia, Inglês, Português, nativização, sílaba.*

ABSTRACT

This work deals with the issue of nativization. That is to say we observe the interference caused by the system of sounds of Portuguese (L1) on the pronunciation, by native speakers of Portuguese, of some terms of English (L2). The words in question were drawn out of the technical lexicon of Informatics. In order to carry on the contrastive study between the two languages, we utilized the Contrastive Analysis (CA) methods and postulates. The description and specific analysis of the transfer of traits of the native system to the pronunciation of the loanwords, mostly to explain the differences between the two phonological inventories, is founded on the presuppositions and concepts of Phonology, basically of a structural point of view, but also by taking in account some findings of the Standard Generative Phonology. When we refer to phenomena related to the syllabic structure, the framework utilized is that of the Metrical Phonology. The results of the study point to the fact that the transfer of traits is due to the differences between the two systems of sounds, both in terms of inventories of phonemes and differences in their syllabic patterns. In the very conclusion of this work, we present some rules that intend formalize the main patterns of nativization from English to Portuguese.

Keywords: *phonetics, phonology, English, Portuguese, nativization, syllable.*

LEGENDA

/ /	indicação de fonema
[]	indicação de realização fonética
'	indicação de acentuação primária
,	indicação de acentuação secundária
*	indicação de proibição
#	indicação de fronteira de palavra
\$	indicação de fronteira de sílaba
~	significa <i>ou</i>
C	consoante
G	glide
V	vogal
DR	distensão retardada
ant	anterior
aprox	aproximante
arred	arredondado
cons	consonantal
cont	continuante
cor	coronal
lab	labial
lat	lateral
liq	líquida

nas	nasal
post	posterior
son	sonorante
voz	vozeado

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I – OS SISTEMAS DE SONS DO PORTUGUÊS E DO INGLÊS.....	20
1.1 VOGAIS.....	20
1.1.1 SONS VOCÁLICOS DO PORTUGUÊS	24
1.1.2 SONS VOCÁLICOS DO INGLÊS	25
1.1.3 ANÁLISE DA NATIVIZAÇÃO DOS SONS VOCÁLICOS	26
1.1.3.1 Sons articulatoriamente mais próximos	26
1.1.3.2 Frequência de uso	28
1.1.3.3 Influência da escrita	29
1.2 CONSOANTES	29
1.2.1 DIFERENÇAS ENTRE OS SISTEMAS.....	31
1.2.2 ALOFONES CONSONANTAIS.....	33
1.2.3 ANÁLISE DA NATIVIZAÇÃO DOS SONS CONSONANTAIS	34
1.2.3.1 Africação	34
1.2.3.2 Nasalização.....	36
CAPÍTULO II – OS PADRÕES SILÁBICOS DO INGLÊS E DO PORTUGUÊS	38
2.1 TEORIA DA SÍLABA	38
2.1.1 CONDIÇÕES UNIVERSAIS DE SILABAÇÃO	42
2.1.1.1 Princípio de seqüência de sonoridade	42
2.1.1.2 Princípio de maximização do onset	44
2.2 AS ESTRUTURAS SILÁBICAS DO INGLÊS E DO PORTUGUÊS	44
2.2.1 ESTRUTURA SILÁBICA DO INGLÊS.....	44
2.2.2 ESTRUTURA SILÁBICA DO PORTUGUÊS.....	50
2.2.3 A NATIVIZAÇÃO NO NÍVEL DA ESTRUTURA SILÁBICA.....	55
2.3 OBSERVAÇÕES SOBRE A NATIVIZAÇÃO QUANTO AO PADRÃO ACENTUAL.....	62
CONCLUSÃO.....	64
BIBLIOGRAFIA	68
GLOSSÁRIO	71
APÊNDICE	77

INTRODUÇÃO

As línguas humanas estão em constante transformação e evoluem com o tempo. Nesse processo, novos termos são criados e outros caem em desuso. Um dos fatores importantes na ampliação do léxico de uma língua é o empréstimo de termos de uma outra. Em geral, as nações economicamente mais fortes têm expressões de suas línguas incorporadas pelas línguas de outras nações economicamente dependentes. Ao exportar uma determinada tecnologia, por exemplo, as grandes nações acabam por exportar, também, toda uma terminologia. E nem sempre é possível traduzir fielmente termos técnicos e científicos de uma língua para outra.

O Inglês – que é a língua estrangeira mais utilizada no mundo – ilustra bem esse quadro. Atualmente, ela é conhecida e usada não somente no Reino Unido, nos EUA e nos outros países de língua inglesa, mas em praticamente todas as nações do planeta. Com o advento da informática nas últimas décadas e, em especial, com o surgimento da internet, a língua inglesa difundiu-se ainda mais pelo globo. Sabe-se que algumas das maiores empresas de informática do mundo são norte-americanas. É justificável, pois, o empréstimo de termos do Inglês por várias outras línguas, inclusive pelo Português. Ocorre que, no empréstimo de termos estrangeiros por uma língua nativa, dá-se o que se chama de nativização, um processo que tende a ajustar a pronúncia das palavras estrangeiras à estrutura fonológica da língua nativa, uma vez que diferentes línguas possuem diferentes sistemas de sons e toda língua tem um número diferente de fonemas que são combinados diferentemente. Dessa forma,

falantes nativos interpretarão a pronúncia das palavras da língua estrangeira em termos dos elementos fonológicos de sua própria língua, ou seja, a pronúncia de palavras estrangeiras é modelada pela estrutura fonológica da língua nativa. (GUSSENHOVER & JAKOBS, 1998, p. 38).

Quando um nativo ouve sua própria língua, escuta os sons e relaciona-os, intuitivamente, a certos significados. Segundo Fromkin & Rodman (1993), qualquer pessoa que conheça uma língua sabe quais os sons que essa língua tem, como esses sons se associam e qual o significado dessas seqüências sonoras. No entanto, quando um nativo ouve uma língua estrangeira, não consegue perceber determinados sons, uma vez que eles não se “encaixam” no quadro de fonemas de sua própria língua. Isso não se deve ao fato de ele ser incapaz fisiologicamente de entender e pronunciar determinados sons estrangeiros, o problema é que

ele precisa construir um novo sistema correspondente aos sons da língua estrangeira, e quebrar o arranjo dos sons que os hábitos de sua própria língua tão fortemente formou. Faz-se isso se estabelecendo novas formas de escutas, novas formas de uso dos órgãos da fala, novos hábitos de fala. (BITTENCOURT, 1991, p. 67).

O fato de os ouvidos de um falante nativo não reconhecerem os sons da língua estrangeira como eles realmente são, é um forte argumento em favor de um estudo fonológico detalhado dos contrastes entre a língua nativa (L1) e a língua estrangeira (L2). Para Schütz (2002), uma apresentação detalhada dos dois sistemas fonológicos ajudará o falante nativo a tomar consciência de que os sons de uma e outra língua não são exatamente iguais, e que essas diferenças podem ser relevantes no significado, afetando a compreensão.

A Análise Contrastiva (CA), um método desenvolvido nos anos 60 basicamente para aplicar estruturas lingüísticas ao ensino de línguas, é uma comparação do sistema lingüístico de duas línguas, por exemplo, o sistema de sons ou o sistema gramatical.

A CA estabelecia simplesmente que através da comparação entre a língua materna (L1) e a língua alvo (L2) poderia ser possível identificar (ou prever) quais os aspectos da L2 que um aprendiz (falante de uma L1 específica) teria dificuldades. (KEYS, 2002, p. 76).

Logo se percebeu a pouca eficiência da CA no ensino de línguas, uma vez que ela deixava de lado vários pontos relevantes para o processo de ensino-aprendizagem de uma

língua estrangeira, como aspectos culturais ou a afetividade do aprendiz, entre outros, que foram sendo desenvolvidos e aplicados por outros métodos ao longo dos anos. É importante salientar, entretanto, que os métodos aplicados ao ensino de línguas estrangeiras posteriores ao método da CA não derrubam por completo os fundamentos dessa abordagem, apenas os aperfeiçoam. Como não é o escopo deste trabalho discutir a questão da aprendizagem de uma língua estrangeira, mas tão somente verificar a interferência que o sistema de sons do Português (L1) exerce no desempenho de palavras nativizadas do Inglês (L2), os fundamentos teóricos da CA são suficientes para se fazer uma análise contrastiva entre os sistemas fonológicos das duas línguas. E, de fato,

as hipóteses da CA alegam que a maioria dos desvios ocorridos numa língua estrangeira deve-se à interferência da língua nativa, e nenhuma interferência vinda da língua nativa é maior do que a proveniente do sistema de sons. (BITTENCOURT, 1991, p. 66).

Diante disso, entende-se que a pronúncia de termos do Inglês emprestados ao Português é adaptada pelo sistema de sons do Português. Se algum falante do Português – enquanto primeira língua (L1) – que não tenha um conhecimento do sistema fonológico do Inglês – enquanto segunda língua (L2) – tentar falar algum termo desta língua, incorrerá, certamente, em desvios de pronúncia, devido à interferência exercida pelo sistema fonológico do Português nos sons das palavras emprestadas do Inglês.

Com base nesses pressupostos, o objetivo deste trabalho é verificar, através de dados empíricos, como se dá essa interferência. A interferência do sistema fonológico do Português responsável pela adaptação dos sons das palavras nativizadas do Inglês está relacionada, basicamente, a quatro aspectos que podem ser observados e comparados nos dois sistemas fonológicos:

1. Inventários de fonemas;
2. Padrões silábicos;

3. Processos fonológicos;

4. Fenômenos relacionados a suprasegmentos, como acento (principalmente) e tom.

Nesse trabalho, porém, apenas os dois primeiros aspectos estarão sendo investigados.

Problemas referentes ao acento serão brevemente tratados no final do capítulo 2.

O estudo delimitou-se à área de informática, pelo fato de existir uma grande quantidade de termos de Língua Inglesa ligada à tecnologia das ciências da computação. A pesquisa foi realizada na cidade de Maceió-AL, e o *corpus* foi levantado nos cadernos semanais de informática do jornal Gazeta de Alagoas, nos meses de setembro, outubro e novembro de 2002.

O *corpus*, constituído por 36 (trinta e seis) palavras do vocabulário técnico da área de informática, é apresentado abaixo, com a transcrição fonética padrão e os respectivos significados/conceitos das palavras, que são elencadas em ordem alfabética.

Bit	[bɪt]	‘dígito binário’
Browser	[ˈbraʊzə]	‘pesquisador de banco de dados’
Bugbear	[ˈbʌg, beə]	‘falha’
Byte	[baɪt]	‘conjunto de oito bits’
Chat	[tʃæt]	‘sala de bate-papo’
Chip	[tʃɪp]	‘circuito integrado’
Click	[klɪk]	‘pressão de uma tecla ou botão’
Default	[dɪˈfɔ:lɪt]	‘valor padrão’

Download	[,daʊn 'ləʊd]	‘carregar’
E-Mail	[ɪ 'meɪl]	‘correio eletrônico’
Firewalls	['faɪə ,wɔ:lz]	‘sistemas de segurança de rede’
Game	[geɪm]	‘jogo’
Hacker	['hækə]	‘expert viciado em computadores’
Hardware	['hɑ:dweə]	‘unidades físicas que compõem o computador’
Homepage	['həʊm ,peɪdʒ]	‘página principal de um site na internet’
Interface	[,ɪntə 'feɪs]	‘interligação’
Internet	['ɪntə ,net]	‘rede mundial de computadores’
Link	[lɪŋk]	‘ligação’
Linux	['lɪnʊks]	‘sistema operacional livre’
Microsoft	['maɪkrə ,sɒft]	‘empresa de softwares’
Networks	['net ,wɜ:ks]	‘redes’
Notebook	['nəʊt ,bʊk]	‘microcomputador portátil’
Office	['ɒfɪs]	‘conjunto de aplicativos’
On-Line	[ɒn 'laɪn]	‘conectado’
Oracle	['ɔ:rəkl]	‘gerenciador de banco de dados’
Outlook	['aʊt ,lʊk]	‘programa de correio eletrônico’

Pentium	['pentium]	‘tipo de microprocessador’
Print	[print]	‘imprimir’
Server	['sɜ:və]	‘servidor’
Site	[saɪt]	‘página da internet’
Software	['sɒft ,weə]	‘programa de instrução do hardware’
Unix	['ju:nɪks]	‘tipo de sistema operacional’
Web	[web]	‘área da net com documentos em hipermídia’
Winzip	['wɪnzɪp]	‘compactador e descompactador de arquivos’
Wireless	['waɪələs]	‘tipo de sistema de comunicação’
Word	[wɜ:d]	‘editor de textos’

Inicialmente, foram selecionadas mais de 100 (cem) palavras. Após alguns cortes, levando-se em conta o fato de as palavras selecionadas terem o maior domínio público possível, chegou-se a esse número final. Apesar de relativamente pequeno, como costuma ocorrer em qualquer análise fonológica, o *corpus* permitiu a observação de vários fenômenos, que serão analisados adiante.

Para a transcrição fonética padrão, tomou-se como referência a chave de pronúncia do *Oxford Wordpower Dictionary*, que utiliza símbolos do IPA (International Phonetic Alphabet).

As palavras do *corpus* foram lidas em voz alta por um grupo de informantes. Foram realizados dois tipos de leitura: na primeira, as palavras foram lidas normalmente, e na segunda, de forma mais pausada, a fim de se verificar como os informantes estariam separando as sílabas. Os dados foram gravados e transcritos, para posterior análise. Em virtude de ter havido uma discrepância muito grande entre a primeira e a segunda leitura de todos os informantes, para efeito de transcrição e análise, optou-se por considerar apenas a primeira leitura, uma vez que foi a mais natural.

Quatro informantes contribuíram para a pesquisa. Dois concluintes do segundo grau – um do sexo feminino (informante 1) e um do sexo masculino (informante 2), alunos do turno noturno do curso de Eletrônica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Alagoas – e dois concluintes do terceiro grau – um do sexo feminino (informante 3) e outro do sexo masculino (informante 4), alunos do turno vespertino do curso de Letras (Português-Inglês) da Universidade Federal de Alagoas.

Os fenômenos observados apontam para o fato de que a interferência do sistema fonológico do Português responsável pela adaptação dos sons das palavras nativizadas do Inglês está relacionada à substituição de fonemas estrangeiros por fonemas nativos e à mudança da estrutura silábica¹. Dessa forma, as análises serão feitas em duas seções distintas, concomitantemente à teoria apresentada em cada capítulo.

¹ Seguramente, como anunciado anteriormente (p.4), os outros componentes dos sistemas fonológicos – os processos e o padrão acentual – também causam interferência, mas somente os inventários de fonemas e o padrão acentual serão aqui tratados.

O trabalho está dividido em dois capítulos. No primeiro, é apresentado um estudo descritivo-comparativo dos sistemas fonológicos do Inglês e do Português, com a exposição do inventário dos fonemas das duas línguas e de aspectos relevantes dos dois sistemas. Para a realização desse estudo foram utilizados os métodos da Análise Contrastiva (CA) e os conceitos de análise da teoria fonológica. Os princípios descritivos são de base estruturalista, mas predições e formalizações de teorias não-lineares modernas são aproveitadas para uma melhor explicação de alguns fenômenos. No segundo capítulo, tem-se um estudo dos padrões silábicos das duas línguas, analisados segundo a teoria métrica da sílaba.

Esse trabalho poderá trazer contribuições significativas para estudantes brasileiros de Inglês enquanto segunda língua, pois traz um estudo descritivo-comparativo dos sistemas fonológicos das duas línguas. Oferece, ainda, um suporte teórico para graduandos em letras que estudam fonologia, na medida em que discute aspectos gerais da teoria fonológica.

As transcrições fonéticas dos informantes são mostradas no apêndice. Um glossário com os termos em Inglês que aparecem no decorrer do texto também é apresentado no final do trabalho. As citações de obras em Inglês aparecem traduzidas.

CAPÍTULO I – OS SISTEMAS DE SONS DO PORTUGUÊS E DO INGLÊS

Neste capítulo, visando à comparação dos sistemas de sons do Inglês e do Português, são apresentados os quadros de fonemas das duas línguas, ao tempo em que são definidos alguns conceitos básicos de classificação de sons das línguas naturais. A análise dos fenômenos de interferência relacionados aos inventários fonológicos das duas línguas encontrados no *corpus* é feita no decorrer do capítulo.

1.1 Vogais

Sons vocálicos são aqueles produzidos sem a interrupção da passagem de ar pelo trato vocal. Basicamente, são usados três critérios para descrever sons vocálicos:

- 1) Ponto de articulação - anterior, central e posterior.
- 2) Altura da língua em relação ao palato - fechada, meio fechada, meio aberta e aberta.
- 3) Formato dos lábios - arredondado, não arredondado.

O parâmetro nasalidade também pode ser usado para distinguir sons vocálicos, como no caso do Português, que tem vogais orais e nasais. Segundo Câmara Jr. (1969), o Português Brasileiro possui um arqúfonema nasal /N/ que assimila o ponto de articulação da consoante seguinte. Para ele, uma vogal que antecede uma consoante nasal assimila o traço nasal, e, se a nasal ocorre em posição de coda silábica, ela é apagada. O mesmo não acontece no Inglês, já que consoantes nasais, mesmo em posição de coda, são pronunciadas. Uma discussão mais detalhada a esse respeito será vista na página 25.

Um quadro com as vogais dos dois sistemas (adaptado de GUSSENHOVEN & JAKOBS, 1998, p. 18) é apresentado abaixo. Os segmentos que fazem parte apenas do Português estão transcritos em azul, os que fazem parte apenas do Inglês, em vermelho, e os que fazem parte dos dois sistemas estão transcritos em preto.

	Anterior	Central	Posterior
Fechada	i		u
		ɪ	ʊ
Meio Fechada	e		o
		ə	
Meio Aberta	ɛ	ɜ	ʌ ɔ
		æ	
Aberta		a	ɑ ɒ

Quadro 1.1: Sons Vocálicos

De acordo com o quadro, observa-se que alguns sons do Inglês podem ser confundidos com sons do Português articulatoriamente próximos, dada a semelhança de traços que os caracterizam. Por exemplo, apenas um traço distingue os pares de sons /æ/ e /ɛ/ ([± baixo]), /æ/ e /a/ ([± posterior]), /ɔ/ e /ʌ/ ([± arredondado]).

Com a classificação gerativa binária, não é possível fazer a distinção entre alguns sons vocálicos se se levar em conta apenas os três critérios mencionados acima. Nesses casos, deve-se lançar mão de um traço distintivo que classifica o som como ± tenso. É esse traço que distingue, por exemplo, os sons /a/ e /ɑ/, /i/ e /ɪ/, /u/ e /ʊ/. Para continuar utilizando o sistema binário da fonologia gerativa, adotado aqui, será acrescentado na análise desses sons o traço [± tenso], que caracteriza a distinção encontrada.

Abaixo, tem-se o conjunto de traços que caracteriza cada um desses sons, com o traço distintivo em destaque.

[i]

[-posterior
-arredondado
+alto
-baixo
+tenso]

[ɪ]

[-posterior
-arredondado
+alto
-baixo
-tenso]

[u]

[+posterior
+arredondado
+alto
-baixo
+tenso]

[ʊ]

[+posterior
+arredondado
+alto
-baixo
-tenso]

[æ]

[- posterior
- arredondado
- alto
+ baixo]

[ɛ]

[- posterior
- arredondado
- alto
- baixo]

[æ]

- posterior
-arredondado
-alto
+ baixo

[a]

+ posterior
-arredondado
-alto
+ baixo

[ɔ]

+ posterior
+ arredondado
-alto
-baixo

[ʌ]

+ posterior
- arredondado
-alto
-baixo

[ɑ]

+ posterior
- arredondado
- alto
+ baixo
+ tenso

[ɑ]

+ posterior
- arredondado
- alto
+ baixo
- tenso

1.1.1 Sons vocálicos do Português

O sistema vocálico do Português é relativamente simples. Possui, a princípio, sete vogais orais e cinco vogais nasais, conforme listadas e exemplificadas a seguir. Nos exemplos, a vogal focalizada está em itálico>.

Vogais orais:

01) /i/	<i>irmão</i> [ih'māw]	arrime [a'himi]	li [li]
02) /e/	ele ['eli]	mesa ['meza]	você [vo'se]
03) /ɛ/	ela ['ɛla]	alegre [a'legri]	pé [pɛ]
04) /a/	alto ['altu]	calo ['kalu]	lá [la]
05) /u/	útil ['utiw]	aturo [a'turu]	nu [nu]
06) /o/	hoje ['oʒi]	dor [doh]	avô [a'vo]
07) /ɔ/	hora ['ɔra]	dó [dɔ]	costa ['kɔsta]

Vogais nasais:

08) /ĩ/	pinto ['pĩtu]
09) /ẽ/	mente ['mẽti]
10) /ã/	manto ['mãtu]
11) /ũ/	mundo ['mũdu]
12) /õ/	ponte ['põti]

1.1.2 Sons vocálicos do Inglês

O sistema vocálico do Inglês é bem mais complexo do que o do Português, pois possui doze vogais, com diferenças muito sutis – de difícil percepção para falantes nativos do Português – entre alguns sons. Além disso, há também oito ditongos, que, muitas vezes, são confundidos com alguns sons vocálicos. Eles são apresentados a seguir e ilustrados com exemplos. Mais uma vez a vogal (ou o ditongo) focalizada(o) está em itálico.

Vogais:

01) /i/	<i>sea</i> [si:]	<i>feel</i> [fi:l]	<i>piece</i> [pi:s]
02) /ɪ/	<i>fill</i> [fɪl]	<i>village</i> [ˈvɪlɪdʒ]	<i>sit</i> [sɪt]
03) /e/	<i>bet</i> [bet]	<i>dead</i> [ded]	<i>red</i> [red]
04) /æ/	<i>bad</i> [bæd]	<i>hand</i> [hænd]	<i>man</i> [mæn]
05) /ɑ/	<i>car</i> [kɑ:]	<i>dark</i> [dɑ:k]	<i>palm</i> [pɑ:m]
06) /ɒ/	<i>doll</i> [dɒl]	<i>loft</i> [lɒft]	<i>lodge</i> [lɒdʒ]
07) /ʌ/	<i>sun</i> [sʌn]	<i>son</i> [sʌn]	<i>love</i> [lʌv]
08) /ɔ/	<i>war</i> [wɔ:]	<i>orbit</i> [ˈɔ:bɪt]	<i>tall</i> [tɔ:l]
09) /ʊ/	<i>put</i> [pʊt]	<i>wolf</i> [wʊlf]	<i>good</i> [gʊd]
10) /u/	<i>boot</i> [bu:t]	<i>food</i> [fu:d]	<i>shoe</i> [ʃu:]
11) /ɜ/	<i>perfect</i> [ˈpɜ:fɪkt]	<i>bird</i> [bɜ:d]	<i>burn</i> [bɜ:n]

12 /ə/ above [ə'baʊv] different ['dɪfrənt] ago [ə'gəʊ]

Ditongos:

01) /eɪ/ pay [peɪ] 02) /ɔɪ/ toy [tɔɪ]

03) /aɪ/ high [haɪ] 04) /aʊ/ now [naʊ]

05) /əʊ/ flow [fləʊ] 06) /ɪə/ fierce [fɪəs]

07) /eə/ scare [skeə] 08) /ʊə/ lure [lʊə]

1.1.3 Análise da nativização dos sons vocálicos

Percebeu-se que a substituição dos sons vocálicos do Inglês pelos do Português ocorreu, basicamente, pelo fato de os sons serem articulatoriamente próximos, ou por influência direta da escrita. No entanto, observou-se um caso em que não houve a substituição, apesar de o fonema do Inglês não fazer parte do inventário do Português. Dessa forma, a análise será feita em três seções distintas.

1.1.3.1 Sons articulatoriamente mais próximos

Pelo fato de o Português possuir um inventário relativamente simples, se comparado ao Inglês, notou-se que, na grande maioria das ocorrências dos sons vocálicos do Inglês sem correspondentes no Português, houve uma substituição dos fonemas do Inglês por fonemas do Português articulatoriamente mais próximos. São os casos, por exemplo, de *hardware*, em que /ɑ/ é realizado como [a] por todos os informantes; de *hacker*, em que /æ/ é realizado

como [a] por todos os informantes; e de *chat*, em que /æ/ é realizado como [ɛ] pelos informantes 1, 2 e 4 e como [a] pelo informante 3, como mostrado no quadro 1.2.

Tr. Padrão	Informante 1	Informante 2	Informante 3	Informante 4
['hɑdweə]	[hah 'dwe]	['hahde]	['hahdwe]	['hahdwɜh]
['hæke]	['hakeh]	['hakeh]	['hakeh]	['hakeh]
[tʃæt]	['ʃɛti]	['ʃɛti]	['ʃati]	['tʃɛti]

Quadro 1.2: Substituição do fonema estrangeiro /æ/ pelos fonemas nativos /a/ e /ɛ/

O fonema /ɪ/ do Inglês, inexistente no Português, foi produzido, por todos os informantes, como o fonema nativo /i/. São os casos, por exemplo, das palavras *bit*, *internet*, *linux*, *chip* e *winzip*, mostrados no quadro 1.3.

Tr. Padrão	Informante 1	Informante 2	Informante 3	Informante 4
[bɪt]	['bitʃi]	['bitʃi]	['biti]	['biti]
['ɪntə ,net]	[ĩteh 'netʃi]	[ĩteh 'neti]	[ĩteh 'neti]	['ĩter ,neti]
['lɪnuks]	['linukis]	['linukis]	['linukis]	['linjukis]
[tʃɪp]	['ʃipi]	['ʃipi]	['ʃipi]	['tʃipi]
['wɪnzɪp]	['wizipi]	['wīzipi]	[wī 'zipi]	['wīnzipi]

Quadro 1.3: Substituição do fonema estrangeiro /ɪ/ pelo fonema nativo /i/

O mesmo fenômeno ocorreu com o fonema /ʊ/ do Inglês. Pelo fato de ele não existir no Português, houve uma tendência natural dos informantes a substituí-lo pelo fonema nativo

/u/. São os casos, por exemplo, das palavras *linux*, *notebook* e *pentium*, mostrados no quadro 1.4.

Tr. Padrão	Informante 1	Informante 2	Informante 3	Informante 4
['lɪnuks]	['linukis]	['linukis]	['linukis]	['linjukis]
['neʊt ,buk]	[no 'tʃibuki]	[,nɔtʃi 'buki]	['nɔtibuki]	['noti ,buki]
['pentɪʊm]	['pētiũ]	['pētiũ]	['pētiũ]	['pētiũm]

Quadro 1.4: Substituição do fonema estrangeiro /ʊ/ pelo fonema nativo /u/

1.1.3.2 Frequência de uso

Um caso interessante, no entanto, aconteceu com o fonema /ʌ/ do Inglês. Mesmo não fazendo parte do inventário do Português, ele ocorreu na palavra *bugbear* na realização dos informantes 2, 3 e 4, conforme quadro 1.6. Isso talvez deva-se ao fato de esta palavra ser muito conhecida e desempenhada com frequência por falantes de todo o mundo, em especial depois da virada do século, quando especialistas da área de informática alertavam para uma possível pane em todos os computadores do planeta, fenômeno conhecido como ‘bug do milênio’.

Tr. Padrão	Informante 1	Informante 2	Informante 3	Informante 4
['bʌg ,beə]	[bigi 'bia]	['bʌgi ,biah]	[bʌgi 'bia]	[bʌgi 'biah]

Quadro 1.5: Manutenção do fonema estrangeiro /ʌ/ na pronúncia nativizada

1.1.3.3 Influência da escrita

Pelo fato de a maioria dos fonemas vocálicos do Inglês, diferentemente do que ocorre no Português, não ter uma letra do alfabeto correspondente, percebe-se que a escrita das palavras tem um papel fundamental no processo de nativização, o que pode ser visto nos exemplos dos quadros 1.2, 1.3 e 1.4, cuja nativização se dá pela substituição dos fonemas estrangeiros por fonemas nativos articulatoriamente próximos, como mostrado acima, mas também por influência da escrita. No entanto, em alguns casos, em especial no tocante aos ditongos do Inglês, falantes nativos do Português com pouco contato com a língua inglesa tendem a pronunciar as palavras como as lêem, indicando que a nativização, neste caso, não ocorre pela substituição de fonemas articulatoriamente próximos, mas por influência direta da escrita. Por exemplo, a letra “i”, no Inglês, muitas vezes representa o ditongo [aɪ], fato desconsiderado pelos informantes 1 e 2 em *firewalls* e *wireless*, mostrados no quadro 1.5.

Tr. Padrão	Informante 1	Informante 2
['faɪə ,wɔ:ls]	[firi 'wiw]	[,firi 'wɛws]
['waɪəlɪs]	[wiwri 'lisi]	[wiri 'lisi]

Quadro 1.6: realização do ditongo /aɪ/ como [i]

1.2 Consoantes

Sons consonantais são aqueles produzidos com a obstrução, total ou parcial, da passagem de ar pelo trato vocal. Eles são descritos, também, a partir de três critérios básicos:

- 1) Ponto de articulação – labial ou bilabial, labiodental, dental, alveolar, retroflexo, palatal, velar, uvular, faringal e glotal.
- 2) Modo de articulação – oclusivo, nasal, fricativo, africado, lateral, vibrante, aproximante.
- 3) Vibração (ou não) das cordas vocais – vozeado e devozeado.

Abaixo, é mostrado um quadro com os fonemas consonantais das duas línguas. Os segmentos em preto fazem parte das duas línguas, os em azul, apenas do Português, e os em vermelho, apenas do Inglês.

Ponto	Bilabiaais		Labiodentais		Dentais		Alveolares		Palatais		Velares		Glotais	
	Modo													
Oclusivas	p	b					t	d			k	g		
Africadas									tʃ	dʒ				
Fricativas			f	v	θ	ð	s	z	ʃ	ʒ			h	
Nasais		m						n		ɲ		ŋ		
Laterais								l		ʎ				
Tap								ɾ						
Trill								r						
Aproximantes		w								j				

Quadro 1.7: Sons Consonantais

1.2.1 Diferenças entre os sistemas

Com relação aos sons consonantais, há mais semelhanças que diferenças nas duas línguas, o que pode ser comprovado pelo quadro comparativo a seguir.

	CONSOANTES DO INGLÊS		CONSOANTES DO PORTUGUÊS	
OCCLUSIVAS	06	/p b t d k g/	06	/p b t d k g/
AFRICADAS	02	/tʃ dʒ/	00	
FRICATIVAS	09	/f v θ ð s z ʃ ʒ h/	07	/f v s z ʃ ʒ h/
NASAIS	03	/m n ŋ/	03	/m n ɲ/
LATERAIS	01	/l/	02	/l ʎ/
TAP	00		01	/ɾ/
TRILL	01	/r/	00	
APROXIMANTES	02	/w j/	00	
TOTAL	24		19	

Quadro 1.9: Quadro Comparativo entre as Consoantes dos Dois Sistemas

No Inglês, existem sons consonantais que não ocorrem no Português: /θ/, /ð/, /tʃ/, /dʒ/ e /ŋ/. Provavelmente falantes nativos brasileiros terão problemas tanto para ouvir quanto para produzir bem tais sons. Eles tenderão a substituir os pontos e/ou os modos de articulação dos fonemas estrangeiros pelos de alguns fonemas de seu estoque nativo. Do ponto de vista da fonologia, levando-se em conta noções como a da semelhança fonética, os seguintes tipos de substituições podem ocorrer:

/θ/ → /s/, /t/ ou /f/

/ð/ → /z/, /d/ ou /v/

/tʃ/ → /ʃ/

/dʒ/ → /ʒ/

/ŋ/ → /n/

Por outro lado, o Português tem sons consonantais que não ocorrem no Inglês: /ɲ/ e /ʎ/. Falantes nativos de inglês tendem a substituir tais sons por:

/ɲ/ → /nɪ/ / → /lɪ/

Como visto, no Inglês, os segmentos /tʃ/ e /dʒ/, diferentemente do Português, são fonemas, ou seja, eles ocorrem em posição de contraste com /t/ e /d/ ou com /ʃ/ e /ʒ/, respectivamente. Por exemplo, a permuta de [tʃ], [ʃ] ou [t] no ambiente comum __ip acarreta mudança de significado dos sintagmas, quais sejam: *chip* [tʃɪp], *ship* [ʃɪp] e *tip* [tɪp].

1.2.2 Alofones consonantais

Uma característica compartilhada pelas oclusivas surdas do Inglês /p t k/ que não apresenta uma correspondência com as oclusivas do Português é uma aspiração na posição da sílaba inicial. A ausência da aspiração causará um óbvio sotaque estrangeiro, sem necessariamente interferir na compreensão. (cf. BITTENCOURT, 1991, p. 76). Enquanto no Inglês, em palavras como [p^hɪn] - /pɪn/ *pin*, [t^haɪm] - /taɪm/ *time*, [k^hæp] - /kæp/ *cap*, ocorrem esses alofones, em Português, no mesmo ambiente, tais alofonias não ocorrem: /'pĩtu/ *pinto*, /'taku/ *taco*, /'kɛda/ *queda*.

No Português, [tʃ] e [dʒ] não são fonemas, e sim alofones de /t/ e /d/. Um processo fonológico de africacão prevê que uma oclusiva alveolar [t] ou [d] pode tornar-se uma africada alveopalatal [tʃ] ou [dʒ]. Por exemplo, na cidade de Maceió, onde esta pesquisa foi realizada, algumas pessoas costumam realizar foneticamente a palavra “oito” da seguinte forma: ['ojtʃu], diferentemente da realização considerada padrão ['ojtu]. Um fenômeno semelhante ocorre com a palavra “tia”, realizada foneticamente como ['tja] em certos dialetos, principalmente os de alguns estados do Nordeste, e como ['tʃja] nos demais².

² Provavelmente, o condicionamento para a palatalização de /t/ deve-se à presença (antes ou depois) de um segmento coronal [j] ou [i] na cadeia de fala.

Diante disso, a palavra inglesa *team* ‘time’ poderá ser pronunciada *[tʃimi] ao invés de [t^hi:m]. Também existirá a tendência, por exemplo, de não se distinguir *tease* de *cheese*, por falantes nativos do Português, os quais tenderão a pronunciar *[tʃizi] para ambos ao invés de [t^hi:z] e [tʃi:z], respectivamente.

1.2.3 Análise da nativização dos sons consonantais

A análise da nativização dos sons consonantais será feita em duas seções. Uma trata da questão da africacão e outra da questão da nasalização.

1.2.3.1 Africacão

Como visto acima, os fonemas africados alveopalatais do Inglês /tʃ/ e /dʒ/ não existem no Português. Nesta língua, [tʃ] e [dʒ] são alofones dos fonemas oclusivos alveolares /t/ e /d/, respectivamente. Dessa forma, um fenômeno muito observado foi a africacão de /t/ e /d/ em ambientes em que esse fato não deveria ocorrer em Inglês. São os casos, por exemplo, de *bit*, *internet*, *notebook*, *outlook* e *site*, ilustrados no quadro 1.10, e de *download* e *word*, ilustrados no quadro 1.11.

Tr. Padrão	Informante 1	Informante 2	Informante 3
[bɪt]	['bitʃi]	['bitʃi]	
['ɪntə,nɛt]	[ɪtɛh'nɛtʃi]		
['nəʊt,bʊk]	[nɔ'tʃibuki]	[,nɔtʃi'buki]	
['aʊt,lʊk]	[,aʊtʃi'luki]	[,aʊtʃi'luki]	
[sɑɪt]			['sajtʃi]

Quadro 1.10: Africação do fonema /t/

Transcrição Padrão	Informante 1
[,daʊn'ləʊd]	[daw'loadʒi]
[wɜ:d]	['wohdʒi]

Quadro 1.11: Africação do fonema /d/

Percebe-se, pelos quadros 1.10 e 1.11, que o fenômeno da africação está mais presente nas realizações dos informantes concluintes do segundo grau. O fenômeno torna-se mais complexo quando notamos que, em alguns casos em que deveria ocorrer a realização da africada [tʃ], de acordo com a pronúncia do Inglês, ocorreu a realização da fricativa [ʃ], como em *chip* e *chat*, por exemplo, ilustrados no quadro 1.12. O que pode, mais uma vez, como ocorreu com alguns sons vocálicos, ser influência da escrita, visto que esses informantes têm um primeiro contato com a língua escrita.

Transcrição	Informante 1	Informante 2	Informante 3
[tʃɪp]	['ʃipi]	['ʃipi]	['ʃipi]
[tʃæt]	['ʃeti]	['ʃeti]	['ʃati]

Quadro 1.12: Fricativização do fonema /tʃ/

1.2.3.2 Nasalização

Quanto à questão da nasalização, observou-se que todos os informantes, na maioria das ocorrências, interpretaram as letras *m* e *n* de tal forma a usarem-nas apenas para nasalizar as vogais que as precediam, como é comum no Português.

No início deste capítulo, foi dito que o Português, diferentemente do Inglês, usa o parâmetro nasalidade para fazer distinção entre sons vocálicos. É o caso, por exemplo, das palavras *canto* [kãtu] e *cato* [katu], cuja distinção se dá pela oposição de uma vogal oral e uma vogal nasal num mesmo ambiente. Como na fonologia do Inglês não existem vogais nasais, a oposição se dá pela pronúncia das consoantes nasais. É o caso, por exemplo, das palavras *camp* [kæmp] e *cap* [kæp]. O que se viu, no entanto, foram os falantes usando as consoantes nasais apenas para nasalizar as vogais precedentes. São os casos, por exemplo, de *e-mail*, *internet*, *on-line*, *pentium*, *print* e *winzip*, mostrados no quadro 1.13.

Tr. Padrão	Informante 1	Informante 2	Informante 3	Informante 4
[ɪ'meɪl]	[ĩ'meju]	[ĩ'meju]	[ĩ'meju]	[ẽ'meju]
['ɪntə,nɛt]	[ĩtɛh'nɛtʃi]	[ĩtɛh'nɛti]	[ĩtɛh'nɛti]	['ĩtɛr,nɛti]
[lɪŋk]	['lĩki]	['lĩki]	['lĩki]	['lĩki]
[ɒn'lain]	[õ'lajni]	[õ'lajni]	[õ'lajn]	[õ'lajn]
['pentɪum]	['pɛtiũ]	['pɛtiũ]	['pɛtiũ]	['pɛtiũm]
[prɪnt]	['prĩti]	['prĩti]	['prĩnti]	['prĩti]
['wɪnzɪp]	['wizipi]	['wĩzipi]	[wĩ'zipi]	['wĩnzipi]

Quadro 1.13: Nasalização de vogais que precedem consoantes nasais

Na conclusão do trabalho, são formuladas algumas regras que ilustram a nativização de termos do Inglês pelo Português Brasileiro no que se refere aos inventários de fonemas, tanto vocálicos (substituição de fonemas estrangeiros por fonemas nativos articulatoriamente próximos), quanto consonantais (africação de oclusivas alveolares antes de [i] e nasalização de vogais que precedem consoantes nasais).

CAPÍTULO II – OS PADRÕES SILÁBICOS DO INGLÊS E DO PORTUGUÊS

Neste capítulo, serão apresentados os padrões silábicos das duas línguas. Inicialmente, são introduzidos alguns conceitos básicos sobre a teoria da sílaba. A análise dos fenômenos referentes à sílaba que aparecem no *corpus* é realizada no decorrer do capítulo.

2.1 Teoria da sílaba

Há várias teorias a respeito da sílaba. Na teoria gerativa, de acordo com a proposta de Kahn (1976, apud COLLISCHONN, 2001), os segmentos estão diretamente ligados à sílaba (representada pela letra grega σ), conforme representação abaixo.

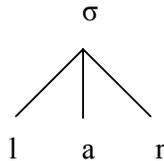


Diagrama 2.1: Representação da Estrutura Silábica na Teoria Gerativa

Para Clements & Keiser (1983, apud SILVA, 2003), a relação entre a sílaba e os segmentos deve ser mediada por um nível CV. Nessa visão, há, portanto, três níveis de representação: o segmental, o CV e o da sílaba, conforme representação abaixo.

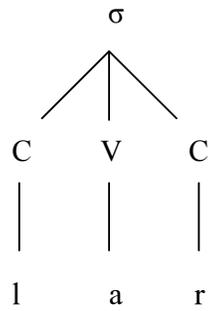


Diagrama 2.2: Representação da Estrutura Silábica na Teoria Gerativa, Levando-se em Consideração o Nível CV

Com o desenvolvimento da fonologia não linear nas últimas décadas, uma outra teoria ganhou força: a teoria métrica (que será adotada para as análises neste trabalho), um ramo das teorias autossegmentais. Goldsmith (1990, apud SILVA, 2003) defende que há uma subdivisão na estrutura interna da sílaba, como mostra a figura abaixo, em que a letra grega σ representa a sílaba, e as letras O, R, N e C representam o onset, a rima, o núcleo e a coda, respectivamente.

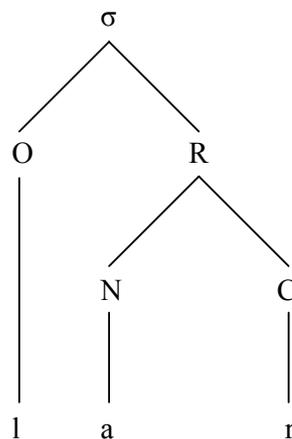


Diagrama 2.3: Representação da Estrutura Silábica na Fonologia Métrica

Os dois principais constituintes da sílaba são o onset e a rima. A rima, por sua vez, pode ainda se subdividir em núcleo e coda. Qualquer categoria, exceto o núcleo, pode ser vazia. Em todas as sílabas da língua portuguesa, o núcleo é preenchido por uma vogal. Isso também ocorre com a maioria das sílabas da língua inglesa (há algumas palavras do Inglês em que a posição de núcleo da sílaba é ocupada por uma líquida – como na palavra *swindle* ['swɪndl], ou por uma nasal – como na palavra *cotton* ['kɒtn]). Uma sílaba que contém uma ou mais consoantes na posição de coda é dita travada, enquanto que uma sílaba que não contém consoantes em tal posição é referida como aberta.

Para fazer a distinção entre vogais simples, de um lado, e vogais longas ou ditongos, do outro, Carr (1999, p. 70) afirma que os segmentos são ligados às categorias da estrutura interna da sílaba através de uma unidade abstrata de tempo (x). No primeiro caso, tem-se o segmento ligado a um núcleo não ramificado, enquanto que no segundo, o segmento é ligado a um núcleo ramificado. A diferença entre uma vogal longa e um ditongo está no fato de que a vogal longa é constituída por uma única qualidade de vogal ligada a duas unidades de tempo, e o ditongo é constituído por duas qualidades distintas de vogais. Ele também afirma que as africadas, por possuírem um elemento de fechamento e um elemento fricativo de abertura, são segmentos complexos, uma vez que se comportam como segmentos simples, ocupando uma única unidade de tempo, enquanto têm uma estrutura interna que se assemelha a dois segmentos. Abaixo são apresentados: 1) exemplos que ilustram essa distinção; e 2) formalizações em diagramas arbóreos das realizações exemplificadas, de acordo com a teoria métrica da sílaba.

1) Exemplos da distinção

a) Vogal simples *bit* [bɪt]

b) Vogal longa *bee* [bi:]

c) Ditongo *buy* [baɪ]

d) Consoante complexa *chip* [tʃɪp]

2) Representações arbóreas dos segmentos nas sílabas

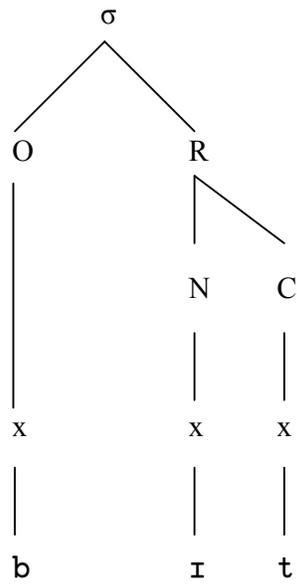


Diagrama 2.4: Vogal Simples

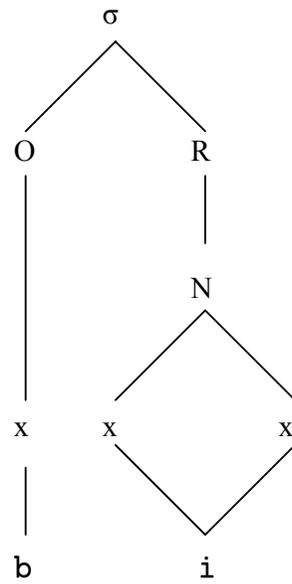


Diagrama 2.5: Vogal Longa

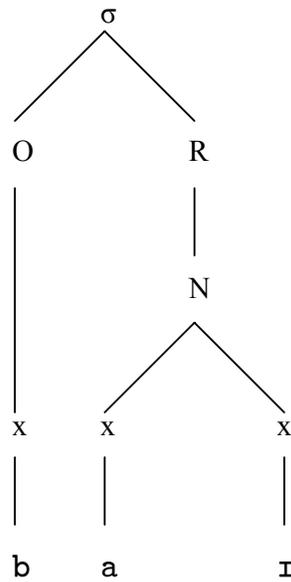


Diagrama 2.6: Ditongo

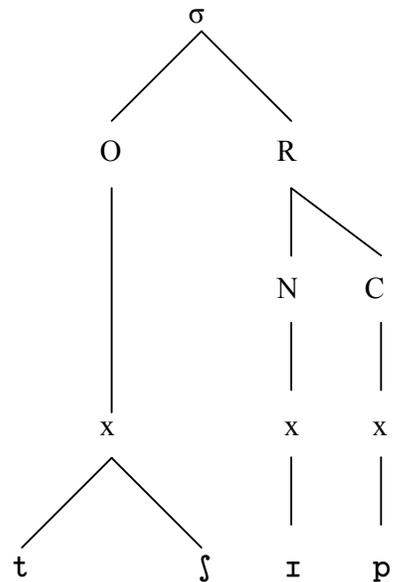


Diagrama 2.7: Consoante Complexa

2.1.1 Condições universais de silabação

Visto a estrutura interna da sílaba, com todos os seus constituintes, será mostrado agora como se dividir uma seqüência de segmentos em sílabas. Para isso, alguns princípios universais são levados em conta.

2.1.1.1 Princípio de seqüência de sonoridade

A combinação dos segmentos na sílaba não se dá de forma aleatória, mas segue um padrão de combinação conhecido como escala de sonoridade. A hierarquia de sonoridade relaciona-se com o vozeamento. Quanto mais vozeado um segmento é, maior sonoridade ele tem. (MORI, 2003, p. 176). Um quadro com a escala de sonoridade (COLLISCHONN, 2001, p. 102) é apresentado abaixo.

	[soante]	[aproximante]	[vocóide]	sonoridade
Obstruinte	-	-	-	0
Nasal	+	-	-	1
Líquida	+	+	-	2
Vogal	+	+	+	3

Quadro 2.1: Escala de Sonoridade

O Princípio de Seqüência de Sonoridade diz que, em qualquer sílaba, o elemento mais sonoro constitui o núcleo e é precedido/seguido por elementos de grau de sonoridade crescente/decrescente. (COLLISCHONN, 2001, p. 102).

Dessa forma, a seqüência *rt*, de sonoridade decrescente, nunca pode constituir o onset de uma sílaba, mas pode constituir a coda. Já a seqüência *tr*, de sonoridade crescente, pode constituir onset, mas não pode constituir coda. Em muitas línguas, incluindo o Português, seqüências de elementos de mesmo grau de sonoridade não são permitidas numa mesma sílaba. Dessa forma, uma palavra como *orla* só pode ser separada *or.la* e não *o.rla* ou *orl.a*. Já o Inglês permite que as sílabas contenham seqüências de mesmo grau de sonoridade, como é o caso da primeira sílaba na palavra *spi.rít*.

A condição de seqüência de sonoridade permite, por exemplo, silabar corretamente em Português a palavra *le.bre*, mas não é suficiente para excluir a silabação incorreta *leb.re*. Em casos como este, supõe-se a existência de um filtro paramétrico, específico do Português, que exclui sílabas com oclusivas na posição de coda. Esse filtro não existe no Inglês, uma vez que as oclusivas podem ocupar a posição de coda, como, por exemplo, na palavra *pub* /pʌb/.

2.1.1.2 Princípio de maximização do onset

Um outro princípio que trata da silabação correta é o Princípio de Maximização do Onset, segundo o qual uma seqüência de consoantes entre vogais é dividida de modo a maximizar o onset seguinte. A palavra inglesa *appraise* /əpreɪz/, por exemplo, de acordo com o Princípio de Seqüência de Sonoridade, pode apresentar as seguintes divisões silábicas [ə.preɪz] ou [əp.reɪz]. No entanto, o Princípio de Maximização do Onset diz que, em casos como esses, em que as combinações fonotáticas da língua permitem mais de uma silabação para uma mesma palavra, é a silabação que maximiza o material do onset seguinte que é a preferida. (CARR, 1999, p. 74). Neste caso, a silabação [ə.preɪz] é a escolhida.

2.2 As Estruturas Silábicas do Inglês e do Português

Na seqüência, são apresentadas as estruturas silábicas das duas línguas, com o objetivo de se fazer uma análise contrastiva entre os dois padrões silábicos.

2.2.1 Estrutura silábica do Inglês

Para Carr (1999), no Inglês, é possível ter uma sílaba bem formada que não contenha nenhum outro elemento além do núcleo. Um exemplo de uma palavra do Inglês que possui apenas uma sílaba, que por sua vez contém apenas um núcleo, é *eye* [aɪ]. Mas o núcleo da sílaba no Inglês pode ser precedido ou seguido por outros segmentos, normalmente consoantes. Na palavra *aisle* [aɪl], por exemplo, o núcleo é seguido por uma consoante na

posição de coda; já na palavra *buy* [baɪ] ele é precedido por uma consoante na posição de onset; e na palavra *bile* [baɪl], é tanto seguido quanto precedido por consoantes.

Abaixo são mostrados os diagramas arbóreos, de acordo com a teoria métrica da sílaba, para essas quatro palavras do Inglês. Nessas estruturas, a posição opcional é deixada vazia.

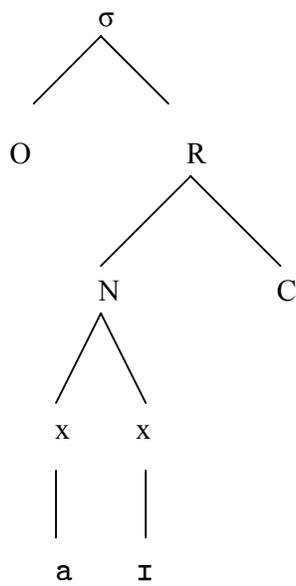


Diagrama 2.8: Palavra *eye*

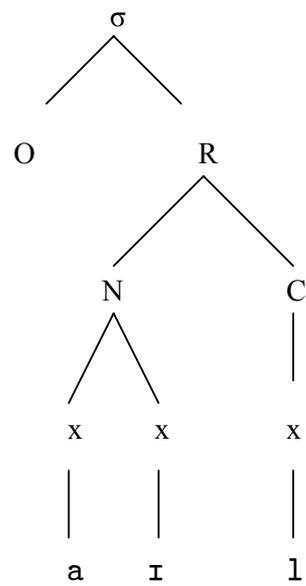


Diagrama 2.9: Palavra *aisle*

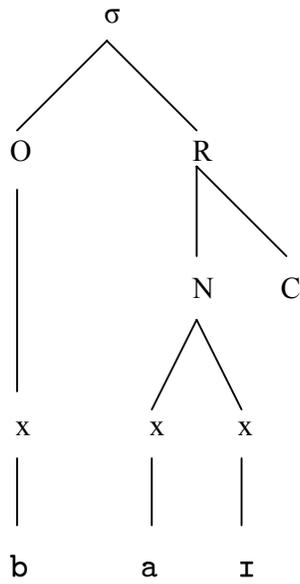


Diagrama 2.10: Palavra *buy*

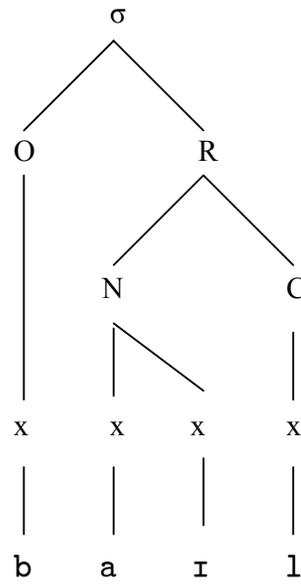


Diagrama 2.11: Palavra *bile*

No Inglês, tanto o onset quanto a coda podem ser ramificados, ou seja, podem possuir dois ou mais segmentos. São os casos, por exemplo, das palavras *plot* /plɒt/ e *bunk* /bʌŋk/, respectivamente, cujos diagramas arbóreos são vistos a seguir.

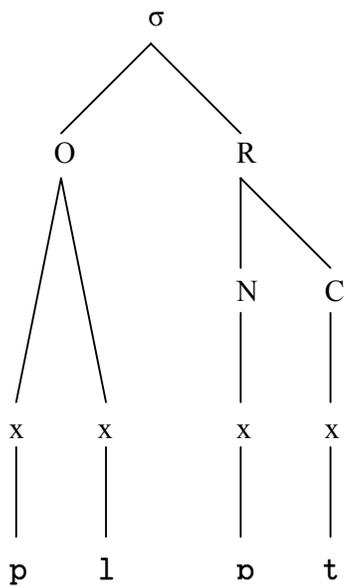


Diagrama 2.12: Palavra *plot*

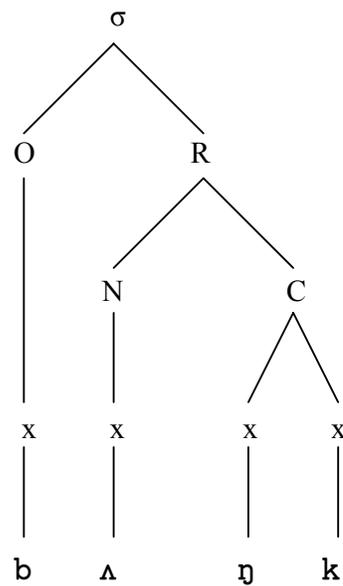


Diagrama 2.13: Palavra *bunk*

Segundo Roach (1993, apud FERNANDES, 2001, p. 242), na estrutura simples CV, qualquer consoante, exceto a nasal velar /ŋ/, pode aparecer no onset silábico do Inglês.

Segundo Fernandes (2001, p. 242), o onset, quando ramificado, pode apresentar até três segmentos consonantais. Quando isso ocorre, a seqüência é sempre a seguinte: /s/ + oclusiva oral surda + {/j/, /w/, /r/ ou /l/}.

$$/s/ + \begin{bmatrix} \text{-cont} \\ \text{-voz} \end{bmatrix} + [\text{aprox}]$$

Esse padrão pode ser encontrado em palavras como *spew* /spju/, *square* /skweə/, *strike* /straɪk/, *scream* /skri:m/ e *splash* /splæʃ/.

Já o onset com ramificação binária pode apresentar dois tipos:

1) /s/ + oclusiva oral surda ou um dos seguintes segmentos {/f/, /m/, /n/, /l/}.

$$/s/ + \left. \begin{array}{l} \begin{bmatrix} \text{-cont} \\ \text{-voz} \end{bmatrix} \\ \left. \begin{array}{l} \{f\} \\ \{m\} \\ \{n\} \\ \{l\} \end{array} \right\} \end{array} \right\}$$

Exemplos desse padrão são palavras como *space* /speɪs/, *stamp* /stæmp/, *skin* /skɪn/, *sphere* /sfɪə/, *smell* /smel/, *snob* /snɒb/ e *slim* /slɪm/.

2) Uma obstruinte + um dos seguintes segmentos {/r/, /l/, /j/ ou /w/}.

[-son] + [aprox]

Exemplos desse tipo são *plough* /plau/, *crash* /kræʃ/, *trip* /trɪp/, *few* /fju:/, *sweat* /swet/, *slip* /slɪp/ e *front* /frʌnt/.

Com relação à coda, observa-se que os segmentos /h/ e /r/ não ocupam essa posição no Inglês, exceto em casos de alofonia. Dessa forma, palavras como *sport* e *car*, por exemplo, têm as formas fonológicas /spo:t/ e /ka:/, respectivamente. (CARR, 1999, p.77). Em codas ramificadas, o Inglês pode apresentar um, dois, três ou até quatro segmentos consonantais. Na estrutura simples VC, qualquer segmento consonantal, exceto os já mencionados /h/ e /r/, pode ocupar a posição de coda da sílaba.

Segundo Fernandes (2001, p. 243), a estrutura VCC apresenta dois tipos:

1) Um dos seguintes segmentos {/m/, /n/, /ŋ/, /l/ e /s/} ocupando a posição C₁ mais uma obstruinte ocupando a posição C₂.

$$\left\{ \begin{array}{l} [+nas] \\ [+lat] \\ [s] \end{array} \right\} + [-son]$$

Podemos observar esse padrão nos seguintes casos: *camp* /kæmp/ ‘acampamento’, *lens* /lenz/, *bank* /bæŋk/, *felt* /felt/, *ask* /a:sk/ e *twelve* /twelv/.

2) Uma obstruinte ocupando a posição C₁ mais um dos seguintes segmentos {/s/, /z/, /t/, /d/ e /θ/} ocupando a posição C₂.

$$[-\text{son}] + \begin{bmatrix} -\text{son} \\ \text{cor} \\ +\text{ant} \end{bmatrix}$$

A maioria das palavras do inglês com essa estrutura são nomes no plural e verbos no passado, como ilustrado pelas palavras *ports* /pɔ:ts/, *pubs* /pʌbz/, *backed* /bækt/, *bagged* /bægd/ e *fifth* /fɪfθ/.

A estrutura VCCC também apresenta dois tipos:

1) Uma líquida ou uma nasal na posição C₁ + uma C₂ obstruinte + um dos seguintes segmentos {/s/, /z/, /t/, /d/ e /θ/} ocupando a posição C₃.

$$\begin{Bmatrix} [+nas] \\ [+lat] \end{Bmatrix} + [-\text{son}] + \begin{bmatrix} -\text{son} \\ \text{cor} \\ +\text{ant} \end{bmatrix}$$

Pode-se ilustrar esse tipo de sílaba com as palavras *helped* /helpt/, *ranks* /ræŋks/, *bonds* /bɒndz/, *bolts* /bɔ:ltz/ e *twelfth* /twelfθ/.

2) Uma seqüência de três obstruintes

$$[-\text{son}] + [-\text{son}] + [-\text{son}]$$

Ilustram esse tipo de sílaba as palavras *fifths* /fɪfθs/, *eighths* /eɪtθs/, *next* /nekst/ e *lapsed* /læpst/.

Já a estrutura VCCCC apresenta a seguinte formação:

- uma líquida ou uma nasal na posição C₁ + uma obstruinte na posição C₂ + uma obstruinte na posição C₃ + /s/.

$$\left\{ \begin{array}{l} +\text{nas} \\ +\text{lat} \end{array} \right\} + [-\text{son}] + [-\text{son}] + [s]$$

Esse tipo de sílaba pode ser ilustrado pelos exemplos *twelfths* /twelfθs/ e *prompts* /prɒmpts/.

2.2.2 Estrutura silábica do Português

A estrutura interna da sílaba no Português apresenta, segundo a teoria métrica, um onset (opcional) e uma rima, que contém um núcleo (obrigatório) e uma coda (opcional). O

núcleo silábico é sempre formado por vogais. Qualquer consoante pode ocupar a posição de onset, mas os segmentos /ɲ/ e /ʎ/ não ocupam tal posição em início de palavra³.

Segundo Câmara Jr. (1969), o Português possui três estruturas fundamentais da sílaba: simples (V), complexa aberta (CV) e complexa travada, que pode ter a seqüência (VC) ou a seqüência completa (CVC). Como exemplos, ele cita *há*, *pá*, *ás* e *par*, respectivamente. As representações arbóreas para esses exemplos, segundo a teoria métrica da sílaba, são mostradas a seguir. Nessas estruturas, a posição opcional é deixada vazia.

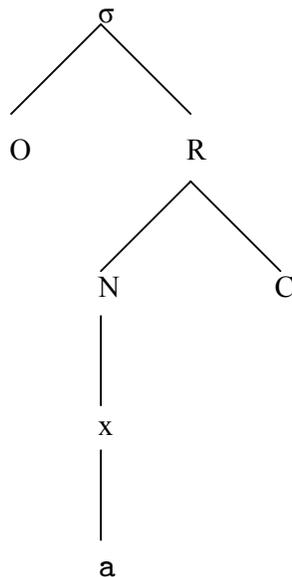


Diagrama 2.14: Palavra *há*

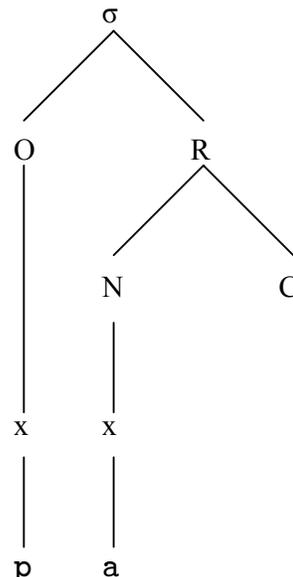


Diagrama 2.15: Palavra *pá*

³ Há algumas palavras iniciadas por estas consoantes, como o pronome oblíquo *lhe* ou o empréstimo *lhama*, e o hipocorístico *nhonhô*.

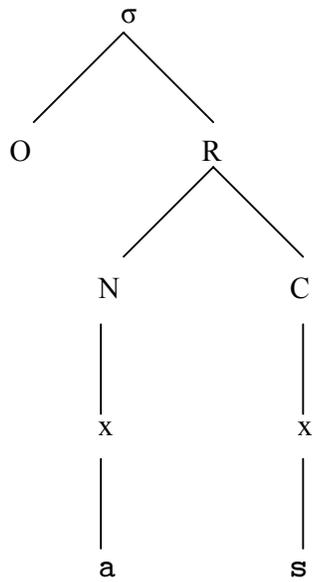


Diagrama 2.16: Palavra *ás*

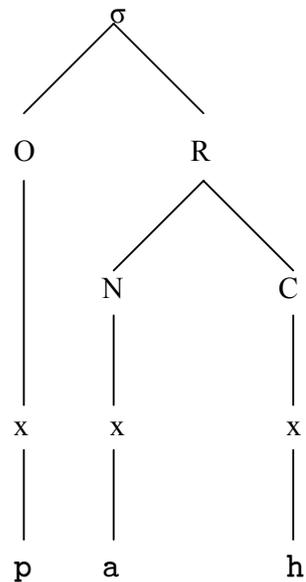


Diagrama 2.17: Palavra *par*

Também há a possibilidade da ocorrência de duas consoantes no onset. Nesse caso, a seqüência é sempre qualquer uma das oclusivas {/p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/} ou uma fricativa labial {/f/, /v/} + {/r/ ou /l/}, como nas palavras *preto*, *bloco*, *trato*, *druída*, *clero*, *gripe*, *fraco* e *livro*.

$$\left\{ \begin{array}{l} [-\text{son}] \\ [-\text{cont}] \\ [-\text{son}] \\ [+cont] \\ \text{lab} \end{array} \right\} + \left\{ \begin{array}{l} +\text{liq} \\ \text{cor} \\ +\text{ant} \end{array} \right\}$$

A posição de coda pode ser ocupada pelos arquifonemas /S/ e /N/, pelas líquidas /r/ e /l/ e pela fricativa glotal /h/, ou ainda pelos fones [j] e [w], como nas palavras

rasga [razga], *pombo* [põmbo], *mar* ([mar] ou [mah]), *sal* ([sal] ou [saw]) e *bem* [běj].

Essa posição também pode ser ocupada por duas consoantes, sendo a seqüência sempre um /N/ seguido de um /S/, como em *inspetor*⁴.

Na seqüência, são listados e exemplificados os possíveis padrões silábicos do Português.

V	<u>a</u> ta
VG	<u>a</u> ula
VC	<u>a</u> r
VCC	<u>i</u> nstrumento
CV	<u>l</u> á
CVG	<u>p</u> ai
CGVG	<u>q</u> uais
CVC	<u>l</u> ar
CCV	<u>t</u> rote
CCVG	<u>g</u> rau

⁴ Há alguns poucos casos em que a primeira consoante pode ser uma líquida, como na palavra *perspectiva*.

CVCC	<u>monstro</u>
CCVC	<u>triste</u>
CCVGC	<u>claustro</u>
CCVCC	<u>transparente</u>

A representação arbórea da estrutura máxima da sílaba no Português (CCVCC) é dada em seguida.

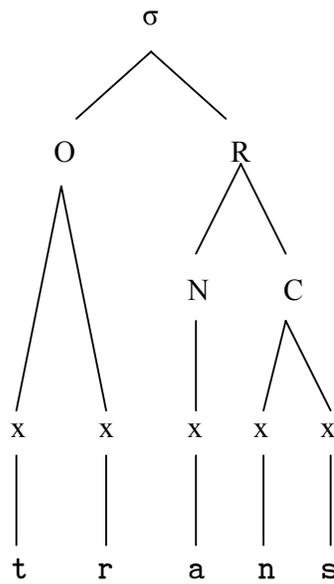


Diagrama 2.18: Estrutura Máxima da Sílaba no Português

A seguir, é apresentado um quadro resumo, em que se pode comparar as estruturas silábicas das duas línguas.

	INGLÊS	PORTUGUÊS
NÚCLEO	V ~ $\left\{ \begin{array}{l} \text{líquida} \\ \text{nasal} \end{array} \right\}$	V
ONSET SIMPLES	*/ŋ/	*/p/ ~ /k/ /#_
ONSET RAMIFICADO	/s/+ $\left[\begin{array}{l} -\text{cont} \\ -\text{voz} \end{array} \right]$ + [aprox]	$\left\{ \left[\begin{array}{l} -\text{son} \\ -\text{cont} \end{array} \right] \right\} + \left[\begin{array}{l} +\text{liq} \\ \text{cor} \\ +\text{ant} \end{array} \right]$ $\left\{ \left[\begin{array}{l} -\text{son} \\ +\text{cont} \\ \text{lab} \end{array} \right] \right\}$
CODA	*/h/ ~ /r/	/S/, /N/, /r/, /l/ e /h/ ou [j] e [w]
CODA RAMIFICADA	$\left\{ \left[\begin{array}{l} +\text{nas} \\ +\text{lat} \end{array} \right] \right\} + [-\text{son}] + [-\text{son}] + [s]$	/N/ + /S/

Quadro 2.2: Estruturas Silábicas do Inglês e do Português

2.2.3 A nativização no nível da estrutura silábica

Observou-se, de modo geral, que todos os informantes produziram o som vocálico [i] no final de sílabas ou palavras terminadas em consoantes oclusivas, africadas e fricativas, formando o padrão silábico CV. Em Português, a vogal /i/, reduzida, funciona como uma espécie de *default* no preenchimento de uma posição de onset que reconstrói o padrão silábico CV sempre que ele é violado (palavras como ritmo e pneu, por exemplo, pronunciadas ['hitmu] e [pi'new], respectivamente, ilustram esse fato). Esse processo também se aplica na nativização de palavras do Inglês pelo Português. Vide os casos,

apresentados no quadro 2.3, de *byte*, *click*, *default*, *game*, *homepage*, *notebook*, *Office*, *unix*, *web* e *winzip*, por exemplo, em que os quatro informantes, não obedecendo à regra do Inglês que prevê que /p/, /b/, /t/, /k/, /m/, /s/ e /dʒ/ podem *ocorrer* em final de palavra, acrescentaram o som vocálico [i] em sua realização, adequando a estrutura silábica do Inglês à estrutura CV, predominante no Português.

Tr. Padrão	Informante 1	Informante 2	Informante 3	Informante 4
[baɪt]	['bajti]	['bajti]	['bajti]	['bajt]
[klaɪk]	['kliki]	['kliki]	['kliki]	['kliki]
[dɪ'fɔ:lt]	[de'fowtʃi]	[de'fowti]	[de'fowti]	[de'fowti]
[geɪm]	['gejmi]	['gejmi]	['gejmi]	['gejm]
['həʊm,peɪdʒ]	[,hōmi'pejdzi]	[,hōmi'pejzi]	['hōm,pejzi]	['hōm,pejdzi]
['nəʊt,bʊk]	[nɔ'tʃibuki]	[,nɔtʃi'buki]	['nɔtibuki]	['noti,buki]
['ɒfɪs]	['ɔfisi]	['ɔfisi]	['ɔfisi]	['ɔfis]
['junɪks]	['unikis]	['unikis]	['junikis]	['junikis]
[web]	['wɛwbɛh]	['wɛbi]	['wɛbi]	['wɛbi]

Quadro 2.3: Realização da vogal epentética /i/ na pronúncia nativizada

O caso da palavra *software* também ilustra bem esse caso, conforme pode ser observado no quadro 2.4. Pelo fato de a seqüência [ftw] ser mal formada em Português, os informantes 1, 3 e 4 naturalmente lançaram mão da inclusão do som vocálico [i] depois de [f] e [t] para obter o padrão silábico do Português. O informante 2 não inseriu [i] após

[t] pelo fato de ter omitido [w] em sua realização, formando a seqüência [tɛ], bem formada em Português.

Tr. Padrão	Informante 1	Informante 2	Informante 3	Informante 4
['sɒft ,weə]	['sɒfitiwɛh]	['sɒfitɛ]	['sɒfitiwɛh]	['sɒfitiwɛh]

Quadro 2.4: Realização da vogal epentética /i/ na pronúncia nativizada

Outro fenômeno interessante ainda pode ser observado no caso de *software*. Mesmo com a palavra sendo grafada com *e* no final, os falantes nativos apagam esse segmento vocálico, exatamente como no Inglês. Ao realizarem esse apagamento, surge um *r* no final da palavra. Como visto acima, os róticos não ocorrem na coda do Inglês. Observa-se, no entanto, que os informantes, talvez influenciados pela escrita, realizaram esse segmento consonantal. Vale salientar que, no dialeto local, normalmente, os róticos em posição de coda ou são apagados (caso do informante 2) ou são realizados como a fricativa glotal /h/ (caso dos informantes 1, 3 e 4). Fenômeno semelhante ocorreu com *browser* e *server*, ilustrados no quadro 2.5.

Tr. Padrão	Informante 1	Informante 2	Informante 3	Informante 4
['brauzə]	['brawzi]	['brawzɛh]	['braūseɪh]	['brawzɛh]
['sɜ:və]	['sɜ:vɛ]	['sehvɛ]	['sehvɛh]	['sehvɛh]

Tabela 2.5: realização da fricativa alveolar /h/ na posição de coda

Alguns desses processos de ressilabificação são ilustrados, de acordo com a teoria métrica da sílaba, pelos diagramas arbóreos abaixo.

1) *Chat*

Transcrição Padrão

[tʃæt]

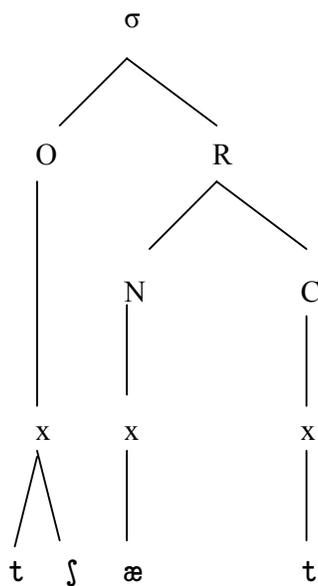


Diagrama 2.19: Representação Padrão

Transcrição Informante 4

[ˈtʃɛti]

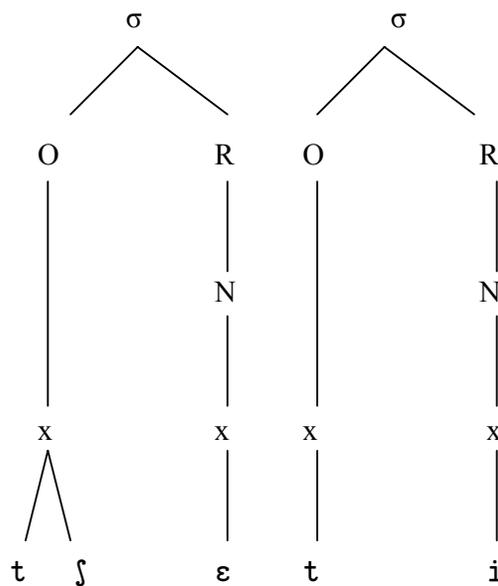


Diagrama 2.20: Representação Nativizada

2) Notebook

Transcrição Padrão

['nɛʊt , bʊk]

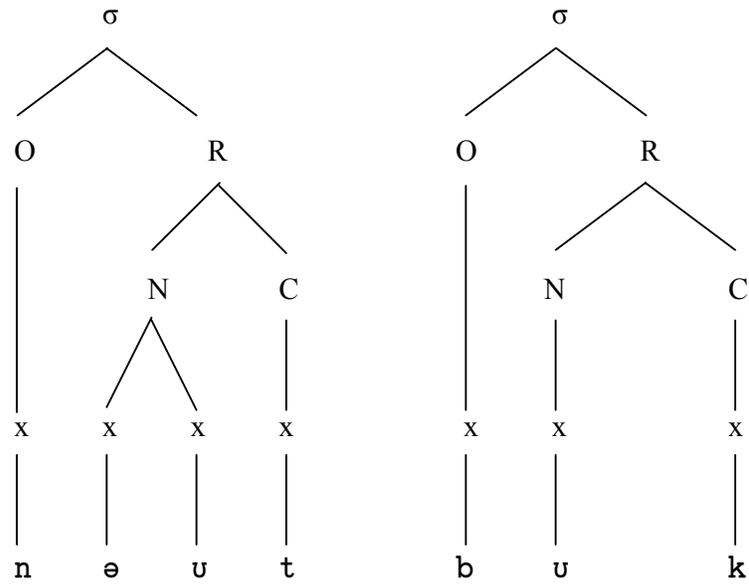


Diagrama 2.21: Representação Padrão

Transcrição Informante 3

[**'notibuki**]

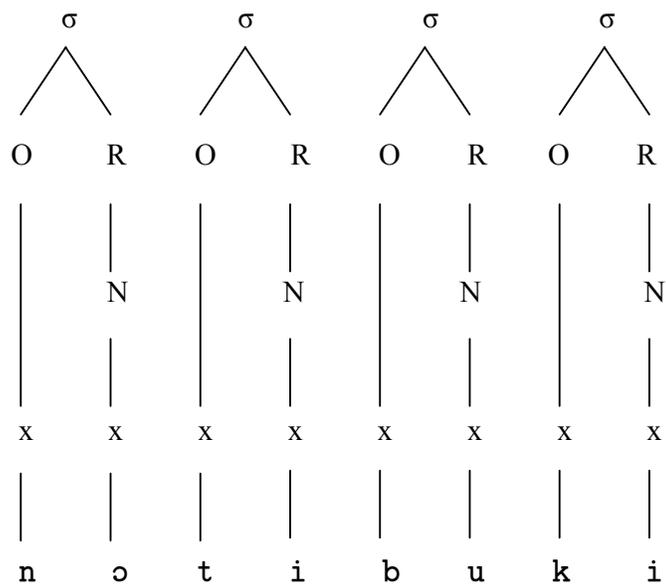


Diagrama 2.22: Representação Nativizada

3) Software

Transcrição Padrão

[**'sɒft ,weə**]

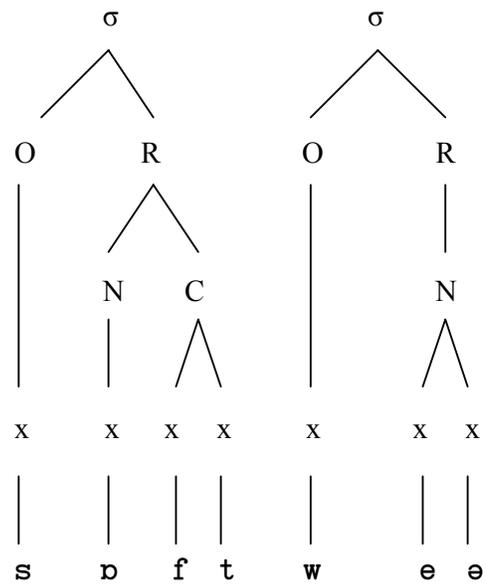


Diagrama 2.23: Representação Padrão

Transcrição Informantes 1, 2 e 3

[^hsɔfɪtiwɛh]

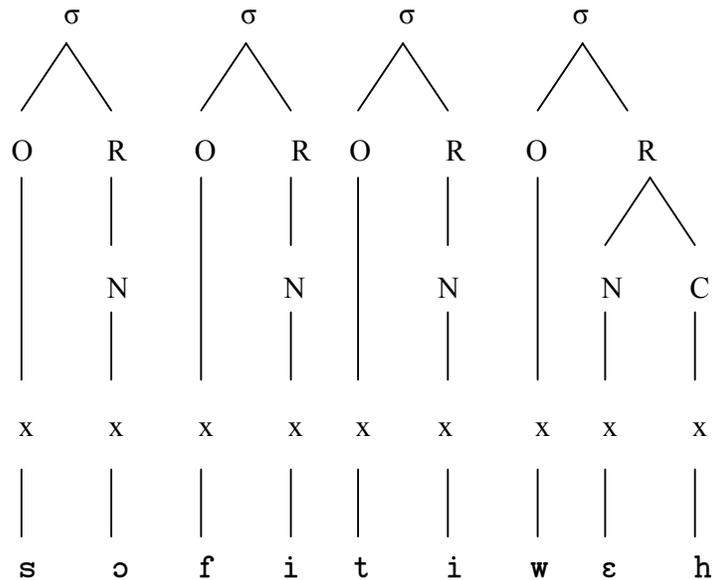


Diagrama 2.24: Representação Nativizada

Essas representações podem mostrar as diferenças na estrutura silábica das duas línguas e ilustrar a transferência do padrão silábico da língua nativa para a língua estrangeira, em um processo de nativização.

2.3 Observações sobre a nativização quanto ao padrão acentual

Um outro aspecto que pode influenciar a nativização de palavras estrangeiras é o padrão acentual, brevemente discutido aqui. A acentuação das palavras do Inglês causa grandes dificuldades para o falante nativo do Português. Enquanto o padrão silábico do Português prevê que a sílaba tônica pode ocorrer apenas na última, na penúltima ou na

antepenúltima sílaba e algumas palavras possuem uma sinalização ortográfica indicativa, o Inglês possui um padrão acentual completamente diferente, apresentando um número maior de possibilidades e uma ausência de sinalização ortográfica. (SCHÜTZ, 2002). O fato de muitas palavras do Inglês serem polissílabas (o *corpus* possui algumas palavras com esta característica) implica, muitas vezes, na existência de uma acentuação primária e uma secundária, dificultando ainda mais a pronúncia dos falantes nativos do Português. Desvios quanto à acentuação ocorreram, por exemplo, nas palavras *internet*, *microsoft*, *bugbear* e *outlook*, apresentadas no quadro 2.6.

Tr. Padrão	Informante 1	Informante 2	Informante 3
['ɪntə ,nɛt]	[ïteh 'netʃi]	[ïteh 'neti]	[ïteh 'neti]
['maɪkrə ,sɒft]	[,majkrə 'sɒfitʃi]	[,majkrə 'sɒfiti]	[,majkrə 'sɒfiti]
['bʌg ,beə]	[bigi 'bia]		[bʌgi 'bia]
['aʊt ,lʊk]	[,awtʃi 'luki]	[,awtʃi 'luki]	[,awti 'luki]

Quadro 2.6 Modificação do padrão acentual estrangeiro

CONCLUSÃO

Um trabalho que busca comprovar empiricamente algumas hipóteses deve conter um vasto material de coleta. Em se tratando de uma pesquisa em que duas línguas são contrastadas, seria necessário um *corpus* muito maior do que o que foi selecionado, com a finalidade de se fornecer uma maior autenticidade à comprovação dos fenômenos envolvidos. O *corpus* selecionado, no entanto, foi suficiente para a realização dessa pesquisa, pois permitiu a observação e a análise de vários fenômenos. Espera-se que este trabalho possa vir a ter desdobramentos em pesquisas futuras.

Muitos são os termos do Inglês – de diversas áreas – incorporados pelo Português que já fazem parte do cotidiano de milhares de brasileiros. Entretanto, com o objetivo de se fazer uma análise dos fenômenos fonológicos relacionados ao processo de *nativização* destes termos, é imprescindível a realização de um recorte. E a área de informática, rica em termos de origem inglesa, pode propiciar um *corpus* significativo para a realização de um trabalho dessa natureza.

De acordo com a análise dos dados, pode-se formular algumas regras para o fenômeno da nativização de termos do Inglês pelo Português Brasileiro.

Com relação aos sons vocálicos, foi comum a substituição de um fonema estrangeiro inexistente na língua materna por um fonema nativo articulatoriamente próximo. Abaixo, são mostradas algumas regras de mudança de traços envolvendo sons vocálicos.

[æ] [ɛ]

1.
$$\begin{bmatrix} -\text{post} \\ -\text{arred} \\ -\text{alto} \\ +\text{baixo} \end{bmatrix} \rightarrow [-\text{baixo}]$$

[æ] [a]

2.
$$\begin{bmatrix} -\text{post} \\ -\text{arred} \\ -\text{alto} \\ +\text{baixo} \end{bmatrix} \rightarrow [+post]$$

[ɑ] [a]

3.
$$\begin{bmatrix} +\text{post} \\ -\text{arred} \\ -\text{alto} \\ +\text{baixo} \\ -\text{tenso} \end{bmatrix} \rightarrow [+tenso]$$

[ɪ] [i]

4.
$$\begin{bmatrix} - \text{post} \\ - \text{arred} \\ + \text{alto} \\ - \text{baixo} \\ - \text{tenso} \end{bmatrix} \rightarrow [+ \text{tenso}]$$

[ʊ] [u]

5.
$$\begin{bmatrix} + \text{post} \\ + \text{arred} \\ + \text{alto} \\ - \text{baixo} \\ - \text{tenso} \end{bmatrix} \rightarrow [+ \text{tenso}]$$

No tocante aos sons consonantais, um fenômeno muito observado foi a africacão dos fonemas alveolares /t/ e /d/ diante do fonema vocálico /i/. A regra abaixo ilustra esse fato.

6.
$$\begin{bmatrix} -\text{son} \\ -\text{cont} \\ \text{cor} \\ +\text{ant} \\ -\text{DR} \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} +\text{DR} \\ -\text{ant} \end{bmatrix} / - \begin{bmatrix} -\text{post} \\ +\text{alto} \\ -\text{baixo} \\ +\text{tenso} \end{bmatrix}$$

As consoantes nasais foram usadas pelos falantes nativos do Português apenas para nasalizar os sons vocálicos precedentes, o que pode ser ilustrado pela assimilação do traço nasal da consoante na posição de coda, que depois é apagada, conforme mostrado pelas regras abaixo.

$$7. \begin{bmatrix} -\text{cons} \\ +\text{sil} \\ -\text{nas} \end{bmatrix} \rightarrow [+nas] / _ \begin{bmatrix} +\text{cons} \\ +\text{nas} \end{bmatrix} \$$$

$$8. \begin{bmatrix} +\text{cons} \\ +\text{nas} \end{bmatrix} \rightarrow [\emptyset] / _ \$$$

Quanto ao padrão silábico, o fenômeno mais observado foi a inserção da vogal epentética [i] no final de sílabas ou palavras terminadas em consoantes oclusivas, africadas e fricativas, formando o padrão silábico CV. Essa regra pode ser vista abaixo.

$$9. \quad \text{CVC} \rightarrow \text{CV.Ci}$$

Diante disso, pode-se concluir que as hipóteses levantadas foram comprovadas, ou seja, de fato, o sistema fonológico do Português interfere no desempenho de palavras nativizadas do Inglês, uma vez que os inventários fonológicos e o padrão silábico das duas línguas são diferentes. Além de o Inglês possuir alguns fonemas consonantais que não existem no Português e de apresentar uma variedade maior de sons vocálicos, com diferenças muito sutis entre alguns fonemas, tem também um padrão silábico bastante diferente do Português. Todos estes fatores contribuíram para os desvios nas realizações dos informantes.

BIBLIOGRAFIA

ABAURRE, M. B. M. & WETZELS, W. L. (Orgs.) Fonologia do Português. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, no. 23 (Jul./Dez. 1992). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, UNICAMP/IEL, 1992.

BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, Pontes, 1995.

BISOL, L. (Org.). *Introdução a Estudos de Fonologia do Português*. 3 ed. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.

BITTENCOURT, A. M. The Role of the First Language in Pronunciation. *Letras*, no. 1 (Jan. 1991). Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Curso de Pós-Graduação em Letras. Santa Maria, UFSM/CAL, 1991.

CAGLIARI, L. C. *Análise Fonológica*. Campinas, Edição do Autor, 1997.

CALLOU, D. & LEITE, Y. *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. 9 ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

CÂMARA JR., J. M. *Problemas de Lingüística Descritiva*. Petrópolis, Vozes, 1969.

CARR, P. *English Phonetics and Phonology: An Introduction*. Oxford, Blackwell, 1999.

CARVALHO, N. *Empréstimos Lingüísticos*. São Paulo, Ática, 1989.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (org.). *Introdução a Estudos de Fonologia do Português*. 3 ed. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.

COLLISCHONN, G. & HORA, D. da. (Orgs.). *Teoria Lingüística: Fonologia e Outros Temas*. João Pessoa, Editora Universitária/UFPB, 2003.

HERNANDORENA, C. L. M. (Org.). *Aquisição de Língua Materna e Língua Estrangeira: Aspectos Fonéticos e Fonológicos*. Pelotas, EDUCAT, 2001.

CRYSTAL, D. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 2000.

FERNANDES, P. R. C. A epêntese nas formas oral e escrita na interfonologia Português/Inglês. In: HERNANDÓRENA, C. L. M. (Org.). *Aquisição de Língua Materna e Língua Estrangeira: Aspectos Fonéticos e Fonológicos*. Pelotas, EDUCAT, 2001.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.

FONTAINE, Jacqueline. *O Circulo Lingüístico de Praga*. São Paulo, Cultrix, 1978.

FROMKIN, V. & RODMAN, R. *Introdução à Linguagem*. 3 ed. Trad. Isabel Casanova. Coimbra, Almedina, 1993.

GUSSENHOVER, C. & BROEDERS, A. *English Pronunciation for Student Teachers*. Amsterdam, Wolters-Noordhoff, 1997.

GUSSENHOVER, C. & JAKOBS, H. *Understanding Phonology*. London, Arnold, 1998.

JAKOBSON, R. *Fonema e Fonologia*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1972.

KEYS, K. J. Interlanguage: Phonology Theoretical Questions and Empirical Data. *Linguagem e Ensino*, vol. 5, no. 1 (2002). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, UFMG, 2002.

MARQUES, A. & DRAPER, D. *Dicionário Inglês-Português/Português-Inglês*. São Paulo, Ática, 1990.

MICHAELIS. *Pequeno Dicionário Inglês-Português/Português-Inglês*. São Paulo, Melhoramentos, 1980.

MORI, A. C. Fonologia. In: MUSSALIIM, F. & BENTES, A. C. (Orgs.) *Introdução à Lingüística: Domínios e Fronteiras*, v. 1. 3 ed. São Paulo, Cotez, 2003.

MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (Orgs.) *Introdução à Lingüística: Domínios e Fronteiras*, v. 1. 3 ed. São Paulo, Cotez, 2003.

OXFORD. *Wordpower – Dictionary for Learners of English*. Oxford, Oxford University Press, 2000.

SAPIR, E. *A Linguagem: Introdução ao Estudo da Fala*. Trad. J. M. Câmara Jr. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1975.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo, Cultrix, 1972.

SCHÜTZ, R. *English Made in Brazil*. <<http://www.sk.com.br/sk-pron.html>>. Online. 25 de julho de 2002.

SCLIAR, L. *Introdução à Lingüística*. Porto Alegre, Globo, 1975.

SILVA, T. C. *Fonética e Fonologia do Português: Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios*. 7 ed. São Paulo, Contexto, 2003.

GLOSSÁRIO

Above	‘acima’
Ago	‘atrás’
Aisle	‘corredor’
Appraise	‘avaliar’
Ask	‘perguntar’
Back	‘dorso’
Backed	‘voltado’
Bad	‘mau’
Bagged	‘embalado’
Bank	‘banco’
Bee	‘abelha’
Bet	‘aposta’
Bile	‘bílis’
Bird	‘pássaro’
Bit	‘pequena quantidade’
Bolts	‘parafusos’
Bonds	‘correntes’
Boot	‘bota’

Bunk	‘beliche’
Burn	‘queimar’
Buy	‘comprar’
Camp	‘acampamento’
Cap	‘boné’
Car	‘carro’
Cotton	‘algodão’
Crash	‘batida’
Cheese	‘queijo’
Chip	‘fenda’
Dark	‘escuro’
Dead	‘morto’
Different	‘diferente’
Doll	‘boneca’
Eighths	‘oitavos’
Eye	‘olho’
Feel	‘sentir’
Felt	‘feltro’
Few	‘pouco’
Fierce	‘feroz’
Fifth	‘quinto’

Fifths	‘quintos’
Fill	‘preencher’
Flow	‘fluxo’
Food	‘comida’
Front	‘frente’
Good	‘bom’
Hand	‘mão’
Helped	‘ajudado’
High	‘alto’
Knife	‘faca’
Lapsed	‘tido um lapso’
Lens	‘lente’
Lodge	‘portaria’
Loft	‘sótão’
Love	‘amor’
Lure	‘atrair’
Man	‘homem’
Next	‘próximo’
Now	‘agora’
Orbit	‘órbita’
Palm	‘palma’

Pay	‘pagar’
Perfect	‘perfeito’
Piece	‘pedaço’
Pin	‘alfinete’
Plot	‘enredo’
Plough	‘arado’
Ports	‘portos’
Prompts	‘pontuais’
Pub	‘bar’
Pubs	‘bares’
Put	‘colocar’
Ranks	‘postos’
Red	‘vermelho’
Scare	‘medo’
Scream	‘grito’
Sea	‘mar’
Ship	‘navio’
Shoe	‘sapato’
Sit	‘sentar’
Skin	‘pele’
Slim	‘magro’

Slip	‘deslizar’
Smell	‘cheiro’
Snob	‘esnobe’
Son	‘filho’
Space	‘espaço’
Spew	‘vômito’
Sphere	‘esfera’
Spirit	‘espírito’
Splash	‘salpico’
Sport	‘esporte’
Square	‘quadrado’
Stamp	‘selo’
Strike	‘ataque’
Sun	‘sol’
Sweat	‘suar’
Swindle	‘trapaça’
Tall	‘alto’
Team	‘time’
Tease	‘atormentar’
Time	‘tempo’
Tip	‘dica’

Toy	'brinquedo'
Trip	'viagem'
Twelfth	'décimo segundo'
Twelfths	'décimos segundos'
Twelve	'doze'
Village	'vila'
War	'guerra'
Wolf	'lobo'

APÊNDICE

- Transcrição Fonética do Informante 1 (Sexo Feminino – Concluinte do 2º Grau)

Bit ['bitʃi]

Browser ['brawzi]

Bugbear [bigi 'bia]

Byte ['bajti]

Chat ['ʃɛti]

Chip ['ʃipi]

Click ['kliki]

Default [de 'fowtʃi]

Download [daw 'loadʒi]

E-Mail [ĩ 'meju]

Firewalls [firi 'wiw]

Game ['gejmi]

Hacker ['hakɛh]

Hardware [hah 'dwɛ]

Homepage	[,hōmi 'pejdzi]
Interface	[,îteh' fejsi]
Internet	[îteh' netʃi]
Link	['lîki]
Linux	['linukis]
Microsoft	[,majkrɔ' sofitʃi]
Networks	[niwi' wɔhki]
Notebook	[nɔ' tʃibuki]
Office	['ɔfisi]
On-Line	[ō' lajni]
Oracle	[ɔ' rasi]
Outlook	[,awtʃi' luki]
Pentium	['pētiū]
Print	['prīti]
Server	['sjɛvɛ]
Site	['sajti]
Software	['sofitiwɛh]

Unix ['unikis]

Web ['wɛwbɛh]

Winzip ['wizipi]

Wireless [wiwri 'lisi]

Word ['wɔhdʒi]

- Transcrição Fonética do Informante 2 (Sexo Masculino – Concluinte do 2º Grau)

Bit ['bitʃi]

Browser ['brawzɐh]

Bugbear ['bʌgi , biah]

Byte ['bajt]

Chat ['ʃɛti]

Chip ['ʃipi]

Click ['klik]

Default [de ' fowti]

Download [daũ ' lodi]

E-Mail [i ' meju]

Firewalls [,firi ' wɛws]

Game ['gejmi]

Hacker ['hakɐh]

Hardware ['hahdɛ]

Homepage [,hõmi 'pejzi]

Interface ['itɛh , fejsi]

Internet	[ĩtɛh'nɛti]
Link	['lĩki]
Linux	['linukis]
Microsoft	[,majkrɔ'sofiti]
Networks	[nɛti'wohkis]
Notebook	[,notʃi'buki]
Office	['ofisi]
On-Line	[õ'lajni]
Oracle	[ɔ'rakli]
Outlook	[,awtʃi'luki]
Pentium	['pɛtiũ]
Print	['prĩti]
Server	['sehvɛ]
Site	['sajti]
Software	['sofite]
Unix	['unikis]
Web	['webi]

Winzip ['wīzipi]

Wireless [wiri 'lisi]

Word ['wohd]

- Transcrição Fonética do Informante 3 (Sexo Feminino – Concluinte do 3º Grau)

Bit	['biti]
Browser	['braũsɛh]
Bugbear	[bʌgi 'bia]
Byte	['bajtɪ]
Chat	['ʃati]
Chip	['ʃipi]
Click	['klikɪ]
Default	[de 'fowti]
Download	['daũlod]
E-Mail	[i 'meju]
Firewalls	['faj ,wɔws]
Game	['gejmi]
Hacker	['hakɛh]
Hardware	['hahdwɛ]
Homepage	['hõm ,pejzi]
Interface	[,itɛh 'fejsi]

Internet	[ĩtɛh'nɛti]
Link	['lĩki]
Linux	['linukis]
Microsoft	[,majkrɔ'sofiti]
Networks	[neti'wohkis]
Notebook	['notibuki]
Office	['ofisi]
On-Line	[õ'lajn]
Oracle	[ɔ'rakow]
Outlook	[,awti'luki]
Pentium	['pɛtiũ]
Print	['prĩnti]
Server	['sehveh]
Site	['sajtʃi]
Software	['sofitiwɛh]
Unix	['junikis]
Web	['wɛb]

Winzip [wɪˈzɪpi]

Wireless [ˈwaɪrɪləs]

Word [ˈwɜːd]

- Transcrição Fonética do Informante 4 (Sexo Masculino – Concluinte do 3º Grau)

Bit ['biti]

Browser ['brawzɛh]

Bugbear [bʌgi 'biah]

Byte ['bajt]

Chat ['tʃɛti]

Chip ['tʃipi]

Click ['klikɪ]

Default [de 'fowti]

Download ['daʊnlodi]

E-Mail [ẽ 'mɛju]

Firewalls ['faj , wɔws]

Game ['gɛjm]

Hacker ['hakɛh]

Hardware ['hahdwɜh]

Homepage ['hõm , pejdzi]

Interface ['ĩtɛh , fejsi]

Internet	['ĩtɛr , nɛti]
Link	['lĩki]
Linux	['linjukis]
Microsoft	['majkrɔ , sofiti]
Networks	['nɛti , wohkis]
Notebook	['noti , buki]
Office	['ɔfis]
On-Line	[ɔ' lajn]
Oracle	['ɔrakow]
Outlook	['awti , luki]
Pentium	['pɛtiũm]
Print	['prĩti]
Server	['sehveh]
Site	['sajti]
Software	['sofitiwɛh]
Unix	['junikis]
Web	['wɛb]

Winzip ['wīnzipi]

Wireless ['wajri ,lesi]

Word ['wohd]